

Estudo preliminar da estrutura da forma verbal em Emakhuwa

Ricardo Caetano Alberto Mutita *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0006-1847-0811>

RESUMO (PORTUGUÊS)

Vários estudiosos (cf. Ngunga, 2004, 2012 e 2014; Mutaka & Tamanji 2000; Liphola 2001; Langa 2013, entre outros) têm mostrado interesse no estudo da morfologia verbal das línguas bantu. O presente artigo propõe-se a estudar a morfologia verbal, com destaque para os elementos constitutivos da estrutura da forma verbal e respectiva descrição da ordem de sua ocorrência em Emakhuwa. Em termos metodológicos, o trabalho, para além de se basear numa revisão de literatura da área em que tivemos o ensejo de consultar os autores acima, optou pelo método *introspectivo-interpretativo* que se caracterizou pelo uso do nosso conhecimento linguístico na investigação como falantes nativos e consulta de outros falantes nativos fluentes da língua em estudo. Os resultados revelam que, quando conjugado, o verbo inclui na sua estrutura o seguinte: marca de negação (MN), marca de sujeito (MS), marca de tempo (MT), marca de objecto (MO), marca de aspecto (MA). A presença destes elementos na estrutura da forma verbal acontece, por um lado, por questões sintáctico-morfológicas, concretamente pela classe a que o nome com função de objecto pertence e, por outro lado, por questões semântico-pragmáticas, sobretudo por razões de ênfase. Por fim, ao verbo podem concatenar-se extensões verbais tais como: causativa (-ih-), aplicativa (-el-), reversiva (-ul-), intensiva (-eh-), frequentativa (-ex-), associativa (-an-), recíproca (-an-), passiva (-iw-) e estativa (-ey-). Estas extensões verbais são morfemas derivacionais cuja afixação ao verbo pode afectar a estrutura argumental do verbo não derivado.

PALAVRAS-CHAVE

Morfologia; Morfema; Verbo; Emakhuwa.

Preliminary Study of the Structure of the Verbal Form in Emakhuwa

ABSTRACT (ENGLISH):

Several scholars (cf. Ngunga, 2004, 2012, 2014; Mutaka & Tamanji 2000; Liphola 2001; Langa 2013; among others) have shown interest in studying the verbal morphology of Bantu languages. This article aims to study verbal morphology with emphasis on description and analysis of the finite verb structure in Emakhuwa and the sequence of their constituents. In methodological terms, in addition to being based on a review of scientific literature in the area of linguistics in which we had the opportunity to consult the authors above, the work opted for the introspective-interpretive method, characterized by the use of our linguistic knowledge in research as the native speakers and consultation with other native speakers of the language under study. The results reveal that, when conjugated, the verb encompasses negation marker (MN), subject marker (SM), tense marker (TM), object marker (OM), aspect marker (AM). The structure of the verbal form occurs, on the one hand, for syntactic-morphological reasons, according to the class of the noun

* Licenciado em Ensino do Português, com a Habilitação em Ensino de Inglês, pela então Universidade Pedagógica (2013 – 2017), actual Universidade Rovuma, Moçambique. Actualmente, é Mestrando em Linguística Bantu pela mesma instituição, no Instituto Superior de Recursos Naturais e Ambiente, Campus de Ncoripo. Exerce funções como docente de Língua Portuguesa na província de Cabo Delgado, Moçambique, e desenvolve actividades como radialista. UniRovuma – Instituto Superior de Recursos Naturais e Ambiente (ISRNA), Moçambique. E-mail: ricardomutita.rm@gmail.com

functioning as the object belongs to and, on the other hand, for semantic-pragmatic reasons, that is, for reasons of emphatic reasons. Finally, when the verbal extensions can be concatenated to verbal form. The most frequent verbal in Emakhuwa are: causative (-ih-), applicative or applied (-el-), reversive (-ul-), intensive (-eh-), frequentative (-ex-), associative (-an-), reciprocal (-an-), passive (-iw-) and stative (-ey-). These verbal extensions are derivational morphemes whose addition to the verb may affect the argument structure of the underived verb.

KEYWORDS

Morphology; Morpheme; Verb; Emakhuwa.

Mureheryo a osoma mipantta sa mukhalelo a nlavulo na nntaava na Emakhuwa

MUULUULO (EMAKHUWA)

Asomi anceene (cf. Ngunga, 2004, 2012 & 2014; Mutaka & Tamanji 2000; Liphola 2001; Langa 2013, ni akina) annilipiherya osoma makhalelo aya nlavulo na mattaava a elapo ahu. Muteko ola onisoma makhalelo a nlavulo, ntoko mipantta siniirela nlavulo ni mithapulelo saya ottharihelaka makhumelolo aya vantaavani na Emakhuwa. Vathariheliwaka iphiro sa muteko, yoosoma ela, ohiya iliivuru sinisuweliha mwaha yoola, sileepiwe ni asomi ahiim'mwale osulu ni anceene akinaku ahim'mwale wa muthapulelo wa muteko yoola, oovolowamu osuwela wahu ntoko anamalavula a nntaava na Emakhuwa, ni osuwela wa athu akinaku, anamalavula a nntava nenna ninisomiwa. Miraarelo soomaliherya sinnithonyiherya wiira, othapuleliwawaya, nlavulo ninnooniherya: ethonyeryo ya okhootta, ethonyeryo ya nsinahamwiira, ethonyeryo ya okathi, ethonyeryo ya mumaliheryo, ethonyeryo ya mukhalelo. Okhala waya mipantta iya muhina wa nlavulo sinoonaneya, woopaceryani, mwaha woovaraana moolumo-malove, wootepeya wa ekalaase eniirela mpantta nsina ni mukhalelo aya, wookinaku, mwaha wa ekeekhayi-okathi, wootepeya mwaha wa opheela olipexiha. Woomalela waya, nlavulo ninnitakanyiheryeya ni mipantta sinitaphulela sinceene ntoko: ephattuxelo (-ih-), ekhaliheryo (-el-), erukunuxeryo (-ul-), elipiheryo (-eh-), ethakanyiheryo (-an-), etthikiheryo/ekhakanyiheryo (-an-), mwaakheli (-w-) ni mweemeli (-ey-). Mathapulelo ala ya nlavulo malove macikaani anithonyiherya iphiro, atakanyiheryanaka ni nlavulo wiira yiire mpantta wa okhala waya ntoko malove (nlavulo) ohitankwanyeyasa.

MALOVE-OOVUWA

Musomelo a nsina, mipantta, nlavulo, Emakhuwa

1. Introdução

Emakhuwa é uma língua bantu (P31, na classificação de Guthrie 1967-71) falada na região norte de Moçambique. Com o presente trabalho, pretende-se estudar a morfologia verbal, com destaque para os elementos constitutivos da estrutura da forma verbal e respectiva descrição da ordem de sua ocorrência na variante desta língua praticada na cidade de Nampula e distritos circunvizinhos, nomeadamente, Mecubúri, Muecate, Meconta, parte de Murrupula, Mogovolas, parte de Ribáwe e Lalawa (Ngunga & Faquir, 2012). Em termos metodológicos, para além da revisão de literatura na área da linguística – com destaque para os autores como Ngunga (2004, 2012 e 2014), Mutaka &

Tamanji (2000), Liphola (2001), Langa (2013), que abordam a morfologia verbal das línguas bantu – o autor recorreu também ao método *introspectivo-interpretativo*, valendo-se da sua familiaridade com a língua em estudo e da interacção com membros da respectiva comunidade linguística.

Num momento em que o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (MEDH) avança decididamente com o programa de ensino bilingue, acreditamos que este trabalho poderá contribuir significativamente para os linguistas e professores. Ele pode ajudar compreender as alterações sistemáticas nas formas das palavras e, assim, enriquecer a análise sobre um aspecto importante da gramática do Emakhuwa praticado na cidade de Nampula. Além disso, esperamos que estudo possa melhorar o desempenho dos professores de Emakhuwa nas salas de aula.

A pesquisa poderá servir como uma fonte valiosa de informações acerca da estrutura interna, da organização dos constituintes e o modo como estas estruturas reflectem nas relações entre as palavras, uma vez que, recentemente, foi introduzido na UniRovuma, em Nampula, um *minor* em Línguas Bantu e, no Instituto Superior de Recursos Naturais e Ambiente, em Montepuez, o Mestrado em Linguística Bantu. Por fim, acreditamos que este trabalho poderá contribuir para o desenvolvimento de uma mini-gramática da língua makhuwa, ajudando a colmatar o défice de estudos nesta área da língua.

Estruturalmente, este trabalho, para além da Introdução, organiza-se em três secções principais. A primeira é o Referencial Teórico, no qual se abordam questões centrais sobre a definição da morfologia, do verbo e dos elementos constitutivos da estrutura da forma verbal. A segunda secção corresponde à Metodologia de Investigação, onde se apresentam os aspectos epistemológicos do estudo, incluindo os tipos de pesquisa, os métodos de procedimento adoptados e uma breve descrição linguística do local de estudo. A terceira e última secção refere-se à Estrutura da Forma Verbal, dedicada à apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos, com especial atenção aos elementos que compõem a estrutura do verbo. O trabalho encerra com as conclusões e a listagem das referências bibliográficas utilizadas.

2. Referencial teórico

Esta secção é dedicada ao referencial teórico, com destaque para os principais contributos de autores que abordam a temática em estudo, especialmente no que diz

respeito aos conceitos operatórios utilizados na linguística. Como ponto de partida, abordamos o conceito de morfologia, que constitui o foco central deste trabalho.

2.1. Morfologia

Etimologicamente, o termo morfologia é constituído por duas partes: *morfo* que significa “forma”, e *lógia*, que significa “ciência” designando a ciência que estuda as formas. Uma das componentes da gramática de uma língua, a morfologia, é entendida por Anderson (1994) como o estudo da estrutura das palavras e a forma como esta reflecte a relação com outras palavras dentro de uma mesma construção frásica.

Nesse contexto, um conceito central à morfologia é o de *morfema*. De acordo com Azuaga, (1996) “o morfema é, portanto, realizado por algo de natureza diferente: não se pode ouvir ou pronunciar um morfema, só se pode ouvir e pronunciar o que realiza este morfema, ou seja, o morfe” (p. 224). O morfe constitui a forma física que representa um morfema, ou seja, enquanto o morfema é uma unidade significativa abstracta da língua que se realiza no morfe, unidade da fala, o morfe por sua vez, constitui o material físico observável que nos permite a análise linguística das unidades significativas que são os morfemas (Coelho, 2001).

Ngunga (2004) considera a morfologia como “o estudo dos morfemas, das regras que regem a sua combinação na formação da palavra, e da sua função no sintagma e na frase” (p.99).

Esta definição permite compreender que o objecto de análise da morfologia é o morfema – “a menor unidade da língua portadora de sentido (lexical ou gramatical), na hierarquia da palavra” (Ngunga, 2004, p. 99). Na visão de Alvez (2017), os morfemas são menores constituintes portadores de significado de uma expressão linguística, e que podem ser livres – os que podem ocorrer como uma palavra independente, e presos – que nunca ocorrem em isolamento.

Considerando o exposto, o nosso objectivo foi apresentar uma abordagem descritiva e teórica dos elementos constitutivos da forma verbal, daí que não nos alongaremos na discussão sobre a diferença ou relação entre morfologia e morfema, ainda que as definições desses conceitos se revelem úteis na análise de alguns dados deste trabalho.

2.1.1. Morfologia verbal

O estudo da morfologia verbal das línguas bantu tem merecido especial atenção de autores como Ngunga (2004, 2012, 2014), Mutaka e Tamanji (2000), Liphola (2001) e

Langa (2013), sobretudo devido ao carácter aglutinante, isto é, “línguas cujas palavras são constituídas por mais de um morfema, sendo que as fronteiras entre os morfemas são sempre bem definidas” (Comrie, 1981, 1989, cit., em Nhamumbo, 2009, p. 129).

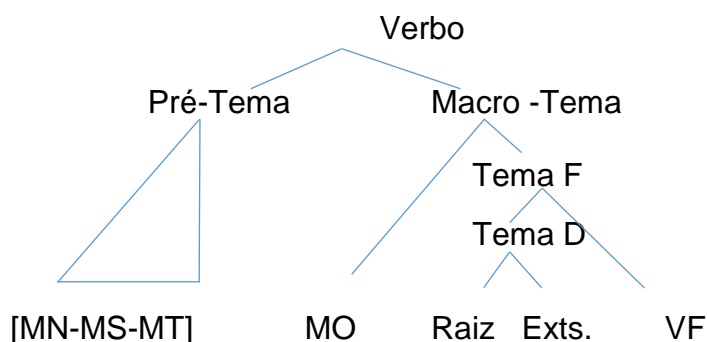
Para alcançar uma compreensão descritiva dos elementos constitutivos do verbo, confrontam-se duas perspectivas sobre o conceito de verbo. A primeira, apresentada por Cunha e Cintra (2002), define o verbo como "uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo" (p. 377). A segunda, proposta por Ngunga (2004), entende o verbo como uma palavra utilizada para relatar factos, acções, descrever estados, seres, situações, entre outros.

2.2. Elementos constitutivos da estrutura da forma verbal

Considerando que o foco desta subsecção recai sobre os constituintes da forma verbal derivada, e não sobre a infinitiva, julgamos pertinente, como ponto de partida para uma melhor compreensão, apresentar a estrutura verbal da forma verbal infinitiva em Emakhuwa, conforme proposta por Ngunga e Simbine (2012, p. 125):

i.	Infinitivo:	Prefixo	-Raiz-	Vogal final
	Ou seja:	o-	-row-	-a

Os autores em alusão explicam que “a complexidade da estrutura verbal das línguas bantu pode ser ilustrada de várias maneiras” (p. 164), desdobrando-se de formas particulares para cada língua em *prefixo – raiz verbal – vogal final* – no infinitivo, conforme a seguir:



Onde: Tema F: Tema flexional; Tema D: Tema derivacional; MN: Marca de negação; MS: Marca de sujeito; MT: Marca de tempo; MO: Marca de objecto. Nesta posição podem também ocorrer as marcas de aspecto; Exts: Extensões; VF: Vogal final ou vogal terminal. No lugar da vogal terminal podem também ocorrer as marcas de tempo e de modo (Ngunga & Simbine, 2012, p. 129)

Os seguintes parágrafos contém explicação e alguns exemplos das marcas acima identificadas.

2.2.1. Raiz

De acordo com Xavier e Mateus (1992, cit. em Ngunga, 2014), a raiz “é o constituinte da palavra que contém o significado básico e não inclui afixos derivacionais ou flexionais” (p. 165). Trata-se, portanto, do elemento que conserva o núcleo semântico do verbo e a partir do qual se deriva outras palavras. Veja-se os seguintes exemplos:

1. -ett-	‘andar’
-kilaath-	‘sentar’
-weh-	‘ver’
-rap-	‘tomar banho’

Como se pode verificar, é fundamental conhecer adequadamente a natureza da raiz verbal, de modo que, ao serem retirados todos os afixos derivacionais, esta continue a conservar o seu significado.

2.2.2. Tema verbal (TV)

O tema verbal é caracterizado como a parte do verbo que inclui, para além da raiz, os sufixos derivacionais e flexionais (Ngunga, 2014), conforme os exemplos seguintes:

2. -ett-a	‘andar’
-kilaath- ih-a	‘fazer sentar’
-weh- an-a	‘olharem-se’
-rap- el-a	‘tomar banho com/por’

Conforme se afirmou anteriormente, o verbo nas línguas bantu, no infinitivo, apresenta sempre um prefixo, seguido de outra parte que constitui o tema verbal. Este, por sua vez, conforme se observou acima, é formado pela raiz verbal e pela vogal final.

2.2.3. Radical verbal (RV)

Por radical verbal, o autor em alusão entende como sendo o núcleo da palavra desprovido de afixos flexionais, ou seja, o constituinte da palavra que contém o significado lexical e não inclui afixos de flexão, embora possa incluir afixos derivacionais (Xavier & Mateus, 1992). Vejam-se os exemplos:

3. -ett-	‘andar’	cf.	-ett ih -	‘fazer andar’
4. -lum-	‘morder’	cf.	-lum ih -	‘fazer morder’
5. -som-	‘estudar’	cf.	-som ih -	‘fazer estudar/ensinar’

De um lado (à esquerda), encontra-se o radical não derivado, e, do outro (à direita), o radical derivado, que inclui o afixo derivacional.

2.2.4. Marca de sujeito (MS)

Ngunga (2014) considera a marca de sujeito como um morfema (afixo) de concordância co-referente com o nome ou pronome, localizado na posição inicial da estrutura da forma verbal, desempenhando a função de sujeito, como ilustra o exemplo:

6. **niitho noothorowa** ‘o olho furou-se’ cf. **maaytho athorowa** ‘os olhos furaram-se’

Os exemplos acima mostram que, quando o sujeito nominal é simples, existe um tipo de marca de concordância que se altera quando o mesmo sujeito se torna complexo ou quando passa para o plural.

2.2.5. Marca de tempo (MT)

Ainda segundo o mesmo autor, os morfemas temporais não passam de uma tentativa de representação da categoria filosófica com que os homens coexistem ao longo da vida.

- | | | | |
|-------|-----------------------------|----------------------|----------|
| 7. a) | miyo kiho olya ehopa | ‘eu comi o peixe’ | Passado |
| b) | miyo kin ilya ehopa | ‘eu como’ | Presente |
| c) | miyo kinoo lya ehopa | ‘eu comerei o peixe’ | Futuro |

Tanto quanto se sabe, a marca de tempo é um morfema flexional que ocorre na estrutura da forma verbal, sem uma posição fixa (sendo, no Emakhuwa mais frequente na posição prefixal adjacente à raiz verbal (RV) ou marcas de objectivo (MO), e que serve para indicar o tempo gramatical, nomeadamente passado, presente e futuro.

2.2.6. Marca de objecto (MO)

Ngunga (2014) define a marca do o como um morfema co-referente ao objecto, que na estrutura da forma verbal se encontra acoplado imediatamente antes do radical verbal, ou seja, a partícula que indica o(s) complemento(s) do verbo (directo ou indirecto).

- | | | |
|-------|---------------------------|-----------------|
| 8. a) | nhuwo mur mw iilya | ‘tu comeste-te’ |
| b) | awo ar imw iweha | ‘ele viu-se’ |

Na terceira posição da forma verbal pode indicar-se o objecto ou a pessoa que sofre a acção praticada pelo sujeito. Em Emakhuwa, o prefixo do objecto faz referência, exclusivamente, aos nomes das classes 1 e 2.

2.2.7. Marca de negação (MN)

Trata-se de um morfema lexical (quando se recorre a uma palavra) ou morfológico (quando se utiliza um morfema ou partícula de negação) que co-ocorre ou surge adjunto em posição prefixal, sufixal, simultaneamente ou ainda em diferentes posições da estrutura da forma verbal, com a finalidade de indicar a negação. Apreciem-se os exemplos nos diferentes tempos verbais: passado, presente e futuro.

9. Tempo verbal	Afirmativo	Negativo
Passado	niholuma 'mordemos'	khanilumale 'não mordemos'
Presente	kiniluma 'mordo'	akiniluma 'não mordo'
Futuro	ninooluma 'morderemos'	' khaninoluma ' 'não morderemos'

É evidente que, de modo geral, a forma afirmativa é produzida de forma natural, ao passo que a forma negativa é sempre marcada. Contudo, independentemente da sua posição, a marca de negação aparece acoplada ao verbo. Os exemplos acima demonstram-nos que a marca de negação **kha-**, apesar de ocorrer no tempo passado e comportar-se como afixo descontínuo **kha-...-le** (em que o primeiro elemento surge na posição inicial da palavra e o segundo na final), não se aplica a todas as pessoas gramaticais. No caso da primeira pessoa do singular (**miyo** 'eu'; MS: **ki-**), a marca de negação é o afixo **a-**, que ocorre na posição inicial da forma verbal).

2.2.8. Extensões verbais

As extensões verbais, segundo a perspectiva de Ngunga (2014), são concebidas como morfemas derivacionais que, ao serem anexados à raiz verbal, afectam o significado do verbo, modificando-o em diversas dimensões do ponto de vista semântico, morfológico e sintáctico, como se pode ver nos exemplos que se seguem:

10.a)	-mor- ih-	'fazer cair'
b)	-man- el-	'bater com'
c)	-tthuk- ul-	'desamarar'
d)	-tthuk- eh-	'amarrar muito, bem, com cuidado'
e)	-thikil- ex-	'cortar muitas vezes'
f)	-kilath- an-	'sentar-se junto de'
g)	-var- an-	'agarrar-se um ao outro'

- h) -man-**iw**- 'ser batido'
 i) -on-**ey**- 'ser visível'

Apesar de a ocorrência de extensões verbais ser uma característica de línguas bantu, a sua produtividade varia de língua para língua. De acordo com Ngunga (2014), “existem extensões verbais que são mais frequentes, porque ocorrem em quase todas as línguas, e aquelas que são menos frequentes porque ocorrem em apenas algumas línguas” (p. 198). Segue-se, abaixo, uma tabela resumo das extensões verbais no Emakhuwa:

Tabela 1: Resumo das extensões verbais em Emakhuwa.

Ord.	Extensão	Denominação/Semântica	Sintaxe
1	-ih-	Causativa	+0
2	-el-	Aplicativa	+0
3	-ul-	Reversiva (transitiva)	+0
4	-eh-	Intensiva	=0
5	-ex-	Frequentativa	=0
6	-an-	Associativa	-0
7	-an-	Recíproca	-0
8	-iw-	Passiva	-0
9	-ey-	Estativa	-0

Fonte: elaboração própria (2025).

Os exemplos acima evidenciam a ocorrência de extensões verbais no Emakhuwa, reforçando a ideia de que, sendo morfemas derivacionais, as extensões desempenham um papel relevante no funcionamento da gramática das línguas bantu. Ao comparar-se a lista de extensões proposta por Guthrie (1970) com a de Schadeberg (2003), constata-se uma discrepância no número de morfemas de extensão identificados nas línguas bantu. Tal como Guthrie (1970), também não conseguimos identificar os morfemas de extensão impositiva, mencionados por Schadeberg (2003).

3. Metodologia de Investigação

Nesta secção, descrevem-se os procedimentos metodológicos que orientaram a análise dos constituintes do nosso objecto de estudo – a morfologia verbal. Trata-se, portanto, do plano epistemológico adoptado com o intuito de assegurar resultados fiáveis

e satisfatórios para a presente investigação. Inclui-se, igualmente, uma breve descrição do povo makhuwa e da sua localização geográfica em Moçambique. Conforme referido anteriormente, este estudo incide, de forma específica, sobre a variante Emakhuwa da língua homónima.

3.1. Breve descrição linguística da Cidade de Nampula

A cidade de Nampula alberga pessoas provenientes de diferentes partes da província, bem como de outros cantos do país e do mundo. Sendo assim, pode considerar-se que a cidade, linguisticamente, é heterogénea, visto que convivem nela línguas de origem bantu – com enfoque para o Emakhuwa – e outras, como o Português, o Inglês, o Francês, o Swahili, o Árabe entre outras de menor expressão. Entre todas, o Emakhuwa é a língua mais falada na cidade.

3.1.1. As variantes do Emakhuwa

Segundo Ngunga e Faquir (2012), existem, pelo menos, oito variantes do Emakhuwa, faladas em quatro províncias moçambicanas, nomeadamente: Nampula, Cabo Delgado, Niassa e Zambézia.

i. Nampula

Variantes:



- a) Emakhuwa, falada na cidade-capital e seus arredores, nomeadamente em Mecubúri, Muecate, Meconta, parte de Murrupula, Mogovolas, parte de Ribáwe e Lalawa.

Tendo em conta a heterogeneidade sociolinguística da cidade de Nampula, verifica-se que o Emakhuwa não é a única variante da língua Makhuwa praticada nesta urbe, contrariando a afirmação de Ngunga e Faquir (2012). A variante Enahara também é utilizada, sobretudo nos bairros de Namicopo e Namutequeliua, onde se verifica uma elevada concentração de habitantes oriundos de Mossuril, Ilha de Moçambique, Nacala-Porto, Nacala-a-Velha e Memba. Por sua vez, a variante Emarevoni é praticada em certas zonas dos bairros de Muhala e Muahivire, maioritariamente por indivíduos provenientes de Moma e Mogincual. O surgimento e a convivência dessas variantes linguísticas na cidade de Nampula explicam-se, em grande medida, pelo êxodo rural, isto é, pelo deslocamento de populações das zonas rurais para o meio urbano, com posterior fixação nas áreas mencionadas.

- b) Enahara, falada nos distritos de Mossuril, Ilha de Moçambique, Nacala-Porto, Nacalaa-Velha e parte de Memba;
- c) Esaaka, falada nos distritos de Erati, Nacaroa e parte de Memba;
- d) Esankaci, falada em algumas zonas do distrito de Angoche;
- e) Emarevoni, falada em partes dos distritos de Moma e Mogincual;
- f) Elomwe, falada nos distritos de Malema, parcialmente nos distritos de Ribawe, Murrupula e Moma.

ii. Cabo-Delgado

Variantes:

- a) Emeetto, falada nos distritos de Montepuez, Balama, Namuno, Pemba, Ancuabe, Quissanga, parte dos distritos de Meluco, Macomia e Mocimboa da Praia;
- b) Esaaka, falada nos distritos de Chiure e Mecufi.

iii. Niassa

Variantes:

- a) Exirima, falada nos distritos Metarica e Cuamba;
- b) Emakhuwa, falada nos distritos de Mecanhelas, Cuamba, Maua, Nipepe, Metarica e parte do distrito de Mandimba;
- c) Emeetto, falada nos distritos de Marupa e Maua.

iv. Zambézia

Variantes:

- a) Emakhuwa falado em Pebane;
- b) Elomwe falado em Gurue, Gilé, Alto Molócue e Ile;
- c) Emarevoni falado numa parte de Pebane.

Trata-se, contudo, de uma divisão ainda não consolidada e prematura, dado que autores como Lopes (2004) sustentam que cada uma dessas variantes pode, na verdade, constituir uma língua distinta. Esta posição deve-se à ausência de estudos dialectológicos aprofundados que permitam validar, com rigor científico, a classificação dessas formas como simples variantes de uma mesma língua. Não obstante, para efeitos do presente estudo, adoptamos o Emakhuwa falado na cidade de Nampula e seus arredores como variante de referência, conforme indicam Ngunga e Faquir (2012).

3.2. Tipo de Pesquisa

3.2.1. Quanto à abordagem:

A nossa pesquisa quanto à abordagem, classifica-se como qualitativa, uma vez que se centra, de forma exaustiva, num papel tão complexo quanto é a estrutura morfológica do verbo e a descrição dos elementos constitutivos da forma verbal com base em frases propostas para tradução na nossa língua de trabalho – Emakhuwa, sem se preocupar com a sua representatividade numérica.

3.2.2. Quanto à natureza:

A pesquisa é aplicada, uma vez que, ao identificar os elementos constitutivos da estrutura da forma verbal e descrever a ordem de sua ocorrência na língua Emakhuwa, pretende/se, de forma objectiva, clara e simples, realizar análises coerentes com a estrutura interna da língua. Esta estrutura, cujos constituintes parece reflectir princípios da Gramática Universal (GU)), visa, portanto, ser aplicada em contextos comunicativos entre os falantes da língua.

3.2.3. Quanto aos objectivos:



Quanto aos objectivos, a pesquisa é descritiva, pois pretende descrever a ordem de ocorrência dos elementos constitutivos da estrutura da forma verbal na variante Emakhuwa, com base em seis (6) frases propostas para tradução na nossa língua de trabalho. Desses exemplos extraímos apenas as formas verbais usadas em cada uma das frases e, seguidamente, identificamos e analisamo-las com recurso aos conhecimentos linguísticos existentes. Assim, recorreu-se a descrição para indicar os elementos constitutivos do verbo ou forma verbal presentes nos exemplos, identificar a ordem de sua ocorrência e, por conseguinte, proceder a sua classificação.

3.3. Método

3.3.1. Método de procedimento

Para a obtenção dos dados, os métodos adoptados foram o introspectivo-interpretativo, caracterizado pelo uso do nosso conhecimento linguístico como falantes nativos na condução da investigação, bem como pela consulta a outros falantes nativos fluentes da língua em estudo; e, em primeiro lugar, o método bibliográfico, baseado numa revisão da literatura científica, com destaque para os trabalhos de autores como Ngunga (2004, 2012, 2014), Mutaka e Tamanji (2000), Liphola (2001) e Langa (2013).

4. Descrição e análise da ordem de ocorrência dos elementos constitutivos da estrutura da forma verbal em Emakhuwa

Nesta secção, centramos a nossa atenção na descrição da ordem de ocorrência dos elementos constitutivos da estrutura da forma verbal em Emakhuwa, com base nas seis frases propostas para tradução e respectiva análise, que se apresentam a seguir:

11. *Miyo kihomuliha mwana aka mwalakhu m'mosa olelo wixisu.*

‘Eu fiz a minha filha comer uma galinha hoje de manhã.’

12. *Miyo akimulihale mwana aka mwalakhu olelo wixisu.*

‘Eu não fiz a minha filha comer galinha hoje de manhã.’

13. *Mwakha woovira mwana aka ohomulya mwalakhu m'mosa muulupale.*

‘No ano passado, a minha filha comeu uma galinha grande.’

14. *Hiyo ninoolihana ehopa olelo ohiyu.*

‘Nós nos faremos comer peixe hoje à noite.’

15. *Hiyo khaninolihana ehopa olelo ohiyu.*

‘Nós não nos faremos comer peixe hoje à noite.’

16. *Natali wa mwakha onirwa othene ninowaalya alakhu.*

‘No natal do próximo ano, todos comeremos galinhas.’

Após a tradução das 6 (seis) frases propostas para o estudo, procedeu-se à identificação dos elementos constitutivos da estrutura da forma verbal, bem como à descrição da ordem de sua ocorrência. Para tal, torna-se imprescindível rever a estrutura

do verbo nas línguas bantu, conforme proposta por Ngunga e Simbine (2012), tal como em (i), desta vez, na sua forma plana:

ii. Verbo [[Prefixos] [Tema] [Raiz] [Ext.]] [VF]]

Como se pode observar, trata-se da estrutura geral do verbo finito derivado e seus respectivos componentes que, a seguir, serão demonstrados através do uso do verbo *olya* ‘comer’:

17.	ki-	ho-	mu-	-l-	ih-	-a	‘fi-la comer’
	MS	MT	MO	RV	Ext.Caus.	VF	

Neste exemplo presenciamos a ocorrência da extensão causativa fazendo com que o verbo que antes apresenta apenas 1 (um) argumento interno **-ly-** ‘comer’ passe a ter e 2 lugares **-lih-** ‘fazer comer’. A extensão causativa, neste caso, não apresenta alongamento da vogal na pronúncia, o que leva a supressão do **i-**, permitindo que este seja partilhado como o **i-** da raiz verbal (RV).

Assim, como argumentos internos, temos: *mwalakhu* ‘galinha’ marcado na forma verbal pelo afixo **mu-**, que ocorre na posição prefixal adjacente à raiz verbal, e *mwana* ‘filha’, associada à extensão verbal **-ih-**, o que confere ao verbo carácter bitransitivo, uma vez que o agente X faz com que a sua filha coma galinha.

18.	a-	ki-	mu-	-li-	ih-	-ale	‘não a fiz comer’
	MN	MS	MO	RV	Ext.Caus.	MN	

Temos, aqui, a mesma construção sintáctica apresenta em (15), desta vez, envolvendo a marca de negação **a-** na posição prefixal ou inicial da palavra, e **-ale** na posição final da forma verbal. Este fenómeno permite-nos tirar duas conclusões: primeira, o prefixo **a-** constitui um afixo descontínuo **a-... ,** sendo complementado pelo sufixo **-ale**; segunda, a marca de tempo passado não se manifesta de forma explícita, mas está subentendida no próprio processo de descontinuidade de **a- ...-ale**, que remete à noção de passado.

No que respeita à extensão causativa **ih-**, observa-se que, neste caso, não ocorre a perda da vogal **i-** (como no exemplo 17), uma vez que há alongamento vocálico motivado pela sua posição adjacente à raiz.

19.	o-	ho-	mu-	-ly-	-a	‘comeu-a’
-----	----	-----	------------	------	----	-----------

MS MT MO RV VF

Neste exemplo, observa-se a ocorrência da marca do objecto (MO) na posição prefixal, junto à raiz verbal, ou seja, no núcleo morfológico do verbo. Este fenómeno, comum nas línguas bantu – e no Emakhuwa, em particular –, justifica-se por razões de ordem sintáctico-morfológica, sobretudo em função da classe nominal a que pertence o objecto em questão (cl.1: *mu-/wa-*). Assim, nesta língua, a MO refere-se, exclusivamente, a objectos pertencentes às classes 1 e 2.

a) ohomulya **mwalakhu** ‘comeu galinha’ cf. ohaalya alakhu ‘comeu galinhas’

Constata-se que, no exemplo relativo à classe 1, a marca temporal é representada pelo afixo **ho-**, posicionado prefixalmente e adjacente à marca do objecto, o que parece configurar uma regra geral para as construções temporais em Emakhuwa. Já no exemplo correspondente à classe 2, observa-se que, por restrições fonológicas da língua – especificamente a proibição da ocorrência de duas vogais em sequência –, a vogal da marca de tempo **ho-** (usada no nível de Med./Sec.) sofre modificação e passa a adoptar traços da vogal da marca de objecto **a-** (características da vogal do nível (Baixa/Prim.).

20. ni- no- o- -l- ih- **an-** -a ‘faremo-nos comer’

MS MT MO RV Ext.C. Ext.Rec. VF

Conforme mencionado anteriormente, observa-se que a marca do objecto se torna obrigatória por meio de um alongamento vocálico representado por **...o-** na posição prefixal, imediatamente adjacente à raiz verbal. Após esta base – de natureza transitiva –, ocorre a causativização mediante a adição da extensão **-ih-**, a qual partilha a sua vogal **i-** devido ao alongamento vocálico entre a MT e MO, impedindo, assim, que o alongamento se manifeste na extensão causativa.

Um facto curioso é que a MO, neste caso, se apresenta como neutra, uma vez que a sua presença na frase não é obrigatória, resultando, na maior parte de vezes, de uma motivação semântico-pragmática, essencialmente enfática.

Além disso, a raiz verbal passa a compartilhar a sua vogal **-i-** com a extensão causativa, comportamento com o observado no exemplo 16.

Regista-se ainda um caso de restrição específica do Emakhuwa, no que diz respeito à sequência de duas extensões verbais do tipo CR (Causativa **-ih-** seguida de

Recíproca **-an-**). Essa ordem, pelo menos no que se refere ao verbo *olya* ‘comer’, não depende da estrutura sintáctica, mas sim de factores predominantemente semânticos e sociolinguísticos. Vejamos:

21.	ni-	ho-	o-	-ly-	an-	-a	‘comemo-nos’
	MS	MT	MO	RV	Ext.Rec.	VF	

Apresenta-se aqui uma evidência que corrobora a existência de uma restrição específica do Emakhuwa quanto à ocorrência de suas extensões verbais consecutivas do tipo CR, particularmente no uso do verbo *olya* ‘comer’, em construções de valor recíproco.

No contexto sociolinguístico dos falantes makhuwa, tal construção adquire uma **interpretação semântica conotativa**, remetendo à ideia de **relações sexuais entre duas ou mais pessoas**. Por esse motivo, é considerada **inadequada ou ofensiva** quando proferida em contextos sociais formais ou em público, o que evidencia não apenas uma **restrição morfofonológica**, mas também uma **limitação de ordem pragmático-cultural**.

a)	kha-	ni-	no-	-li-	h-	an-	-a	‘não nos faremos comer’
	MN	MS	MT	RV		Ext.Cs.	Ext. Rec.	VF

Comparando as sentenças (de 11 à 16 ou, se quisermos, 17, 18, 19 e 20), nota-se como ocorre a marca de tempo (futuro – mais frequente nos exemplos), e que, em quase todos os tempos verbais, ocorre alguma coisa mais a vogal **...-o** (com excepção do presente **...-i**), tendo, daí, chegado à seguinte conclusão para o Emakhuwa:

- **ho-** pode marcar o tempo passado:

22.	kihoolavulana	‘falei com’
-----	---------------	-------------

- **ni-** marca o tempo presente:

23.	khaninilihana	‘não nos fazemos comer’
-----	---------------	-------------------------

- **no-** marca o tempo futuro:

24.	khaninolihana	‘não nos faremos comer’
-----	---------------	-------------------------

Afinal, como se pode constatar, essa construção **não corresponde ao uso habitual entre os falantes do Emakhuwa**. Ou seja, **não se trata de uma prática linguística comum ou socialmente aceite**, o que reforça a ideia de que o uso de determinadas extensões verbais em sequência, sobretudo no caso do verbo *olya* com

No entanto, essa marcação não implica, necessariamente, a introdução de um novo argumento. Conforme afirmam Mateus et al. (2003), nas línguas naturais existem verbos com zero, um, dois ou três argumentos. Assim, entende-se que, neste caso, a marca do objecto **wa-** substitui o argumento interno do verbo, dado que, semanticamente, quem *come*, *come alguma coisa*.

5. Conclusão

Este trabalho teve como objectivo o estudo da morfologia verbal da variante do Emakhuwa falada na cidade de Nampula, com especial enfoque nos elementos constitutivos da estrutura da forma verbal e na descrição da ordem da sua ocorrência.

Nas línguas bantu em geral, e no Emakhuwa em particular, o verbo caracteriza-se por ser altamente aglutinante. Quando conjugado, o verbo incorpora diversos morfemas funcionais, entre os quais se destacam a marca de negação (MN), a marca de sujeito (MS), a marca de tempo (MT), a marca de objecto (MO), a marca de aspecto (MA) e extensões verbais. A identificação desses elementos pressupõe o conhecimento da natureza da raiz verbal, de modo a permitir a correcta classificação funcional dos afixos que a ela se anexam.

A análise desenvolvida permitiu constatar que o prefixo de objecto, por exemplo, refere-se, exclusivamente, aos nomes pertencentes às classes 1 e 2. A sua ocorrência na estrutura da forma verbal justifica-se, por um lado, por razões sintáctico-morfológicas, praticamente pela classe a que o nome do objecto pertence, sendo sua referência obrigatória e, por outro lado, por razões semântico-pragmáticas – nomeadamente pela classe do nome do objecto, o que torna a sua referência obrigatória – e, por outro lado, por razões de natureza semântico-pragmática, essencialmente motivadas por ênfase.

As extensões verbais em Emakhuwa ocorrem concatenadas ao radical verbal. Dentre as mais frequentes destacam-se: causativa (-ih-), applicativa (-el-), reversiva (-ul-), intensiva (-eh-), frequentativa (-ex-), associativa/recíproca (-an-), passiva (-iw-) e estativa (-ey-). A inserção dessas extensões pode implicar alterações na estrutura argumental do verbo. Nesta análise, não foi possível abordar os morfemas de extensão com valor impositivo.

Finalmente, com base nos exemplos analisados, verificou-se que, em Emakhuwa, o afixo **ho-** (em posição prefixal) pode indicar o tempo passado, embora esta marcação nem sempre se verifique. Em frases negativas, com a presença do afixo de negação **kha-**,

a marca de tempo **ho-** tende a desaparecer, sendo subentendida através do sufixo **-ne**, o qual complementa o afixo descontínuo **kha-** (localizado no início da forma verbal). Adicionalmente a isso, os afixos **ni-** e **no-** indicam, respectivamente, o tempo presente e futuro.

Observou-se também que, embora **kha-**, funcione como afixo descontínuo no tempo passado (**kha-...-ale**), esta estrutura não se aplica a todas as pessoas gramaticais. No caso da primeira pessoa do singular (*miyo* 'eu'), cuja marca de sujeito é **ki-**, a negação é expressa pelo afixo **a-**, colocado na posição inicial da forma verbal.

Verificou-se, por fim, que a concordância com o sujeito depende de sua estrutura: quando este é simples, apresenta uma marca própria de concordância, a qual se modifica quando o sujeito é complexo ou passa para o plural.

Referências

- ALVEZ, C. *Inclusão e tratamento de unidades fraseológicas no Dicionário de Usos do Português do Brasil*. Brasil: Uberlândia, 2017.
- ANDERSON, S. R. *A-Morphous Morphology*. New York: Cambridge University Press, 1994.
- AZUAGA, L. *Morfologia*. In: Faria, et al. (orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.
- COELHO, J. *Unidades Morfológicas do Português*. São Paulo: Caio G. Editora, 2001.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 17ª Edição. Lisboa: Livraria Editora Figueirinhos, 2002.
- GUTHRIE, M. *Comparative Bantu: An introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages*. Volume 2: Bantu prehistory, inventory and indexes. London: Gregg International, 1970.
- LANGA, D. *Morfologia do Verbo Em Changana*. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEAUEM), 2013.
- LIPHOLA, M. *Aspects of Phonology and Morphology of Shimakonde*. (Tese de Doutorado): Estados Unidos: Universidade de Ohio, 2001.
- MUTAKA, N.; TAMANJI, N. *Introduction to African Linguistics*. Europa: LINCOM, 2000.
- NGUNGA, A.; FAQUIR, O. *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: relatório do III seminário*. Coleção: As Nossas Línguas III. Maputo: CEA – UEM, 2012.

NGUNGA, A.; SIMBINE, M. *Gramática Descritiva da Língua Changana*. Coleção: “As nossas Línguas. “ V. Maputo: Centro de Estudos Africanos. Universidade Eduardo Mondlane, 2012.

NGUNGA, A. *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária/UEM, 2004.

NGUNGA, A. *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária. UEM, 2014.

NHANTUMBO, N. *Morfologia da Marca do Passado na Língua Copi*: in Ngunga, Armindo (Ed.). *Lexicografia e Descrição de Línguas Bantu*. col. Maputo: “As Nossas Línguas I”. CEA, 2009.

SCHADEBERG, T. *Derivation*. In D. Nurse & G. Philippson (eds.). *The Bantu Languages*. London: Routledge. (pp.71-89), 2003.

Recebido em: 23/02/2025

Aceito em: 24/06/2025

Para citar este texto (ABNT): MUTITA, Ricardo Caetano Alberto. Estudo preliminar da estrutura da forma verbal em Emakhuwa. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.5, nº 2, p.305-324, jan./jun..2025.

Para citar este texto (APA): Mutita, Ricardo Caetano Alberto. (jan./jun.2025). Estudo preliminar da estrutura da forma verbal em Emakhuwa. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 5 (2): 305-324.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>